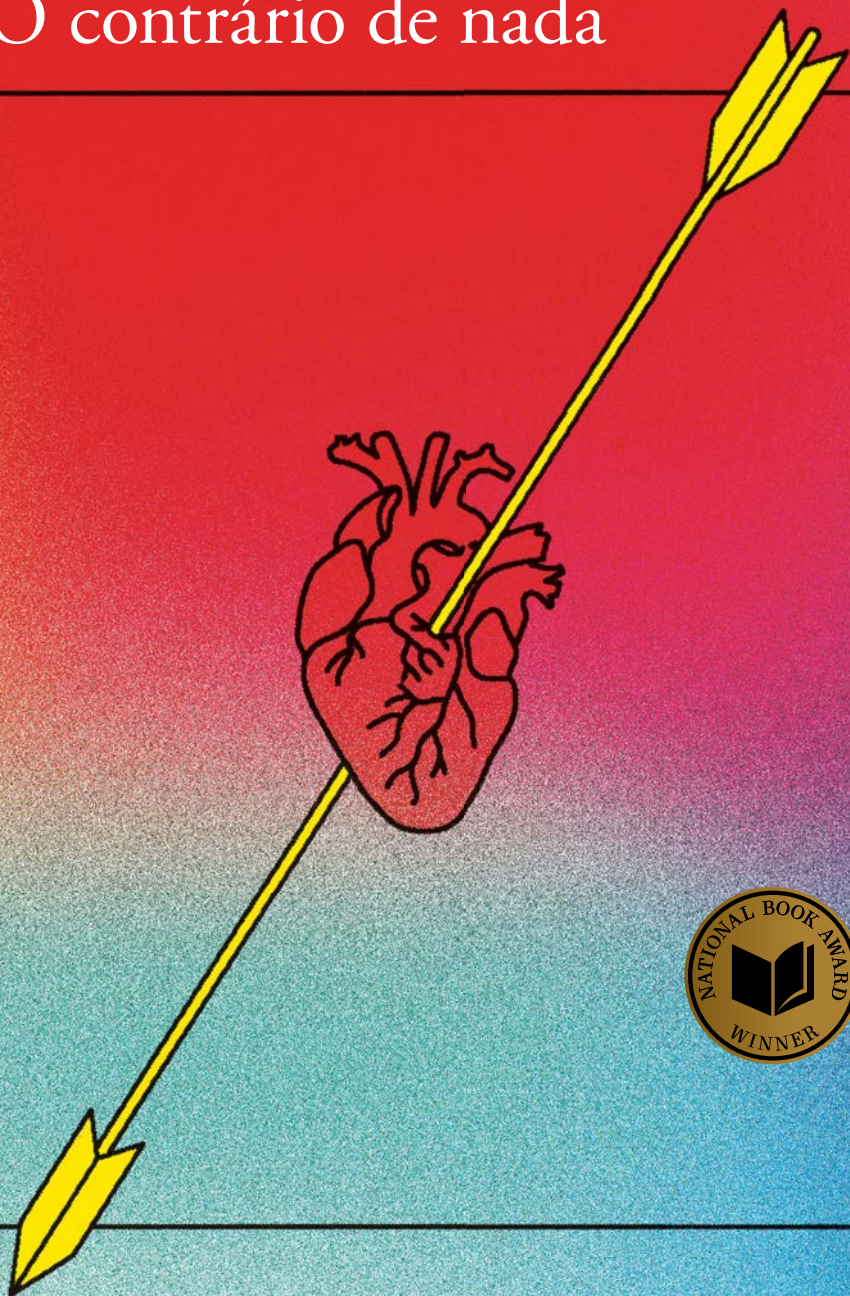


ALFAGUARA

# Tess Gunty

O contrário de nada



Tradução de Eugénia Antunes

## O contrário de nada

Numa noite quente, no apartamento C4, Blandine Watkins abandona o seu corpo. Tem apenas dezoito anos, mas passou a maior parte da vida a desejar que aquilo acontecesse. É uma doce agonia, como as místicas afiançavam. É como se a luz nos trespassasse a alma, e também em relação a isto elas estavam certas. As místicas chamam a esta experiência a Transverberação do Coração, ou o Ataque do Serafim, mas nenhum anjo aparece a Blandine. Há, no entanto, um homem bioluminescente com cerca de cinquenta anos que brilha como um pirilampo. Corre em direção a ela e grita.

Faca, algodão, casco, lixívia, dor, pelo, beatitude: enquanto sai de si mesma, Blandine é tudo isto. É cada morador do seu prédio de apartamentos. É lixo e querubim, um chinelo no leito do oceano, o fato-macaco cor de laranja do pai, uma escova a passar pelo cabelo da mãe. A primeira e última fábrica de automóveis Zorn em Vacca Vale, no Indiana. Um núcleo dentro do homem que lhe roubou o corpo quando ela tinha catorze anos, um par de óculos vermelhos na cara da sua bibliotecária preferida, um rabanete arrancado de um canteiro. Não é ninguém. É *Katy*, a cadela-d'água portuguesa que lhe lambia a cara sempre que a família de acolhimento as bania às duas para o meio da neve, porque estorvavam. Um algoritmo para a amplificação de conteúdos e um granzado azul comprado na bomba de gasolina. O primeiro par de sapatos de sapateado nos pés de uma atriz infantil e o homem que lhe diz para se esforçar mais. É o telemóvel que a filma a sangrar no soalho do apartamento e é o verniz

de unhas lascado da adolescente que montou o nonagésimo passo daquele telefone no chão verde de uma fábrica em Shenzhen, na China. Um satélite americano, um palavrão, o anel no dedo do encenador do grupo de teatro do liceu. É cada um dos coelhos que pastam a vegetação da sua cidade, supostamente moribunda. Dez minutos de prazer entre as pessoas que a fizeram, o último comprimido de oxicodona na língua da mãe, a gravilha que condenará os rapazes a uma pena de prisão pelo que estão a fazer a Blandine naquele momento. Naquele momento é um conceito que não existe. Blandine não é mais uma jovem ferida no chão, com o corpo golpeado por homens em busca dos seus recursos: não. Ela presta atenção. É a última a rir-se.

Nessa noite quente, no apartamento C4, quando abandona o seu corpo, Blandine Watkins não é tudo. Não é bem isso. É apenas o contrário de nada.

## Agora, todos!

C12: Na quarta-feira à noite, entre as nove e as dez horas, o homem que vive quatro pisos acima do crime está a olhar para uma *app* chamada: Avalie o Seu Parceiro (Utilizadores Maduros!). A aplicação emite um brilho vermelho-intenso e ele tem a certeza de que não há ninguém lá dentro. À semelhança de muitos homens que enfrentaram a rejeição feminina, o homem do apartamento C12 acredita que as mulheres é que mandam no mundo. Quando os indícios sugerem que tal não pode ser verdade, zanga-se. É uma raiva típica daqueles que apostaram tudo numa causa perdida. O homem — agora na casa dos sessenta — está deitado na cama, às escuras. Já terminou o seu dia, mas o dia ainda não terminou; é cedo demais para dormir. É um lenhador e o seu prazo de validade profissional já expirou, no entanto, carece das poupanças financeiras e psicológicas suficientes para se reformar. Com frequência, sente o peso de lenha-fantasma às costas, como se fosse uma criança. Com frequência, sente o peso de uma criança-fantasma às costas, como se fosse lenha. Desde que a mulher lhe morreu, há seis anos, o apartamento parece-lhe vazio, mas, na verdade, está apinhado de mobília. A transpirar, o homem segura o ecrã grande e brilhante entre as mãos.

*simpático, como um pai, mas mais gordo do que a foto de perfil. olhar = impróprio. não pergunta como estamos e parece obcecado c/ os preços. carteira de velcro, comentara a utilizadora MelBell23 há duas semanas no perfil dele. cheira ao mesmo que gary, indiana.*

★★☆☆☆

O segundo e último comentário no seu perfil tinha sido publicado há seis meses, por DeniseDaBeast: *o tipo é atarracado.*

★☆☆☆☆

Barulho ribombante vindo do apartamento de baixo. Uma festa, presume ele.

C10: O adolescente ajusta a luz do quarto de maneira que produza halos lisonjeadores. Passa a mão pelo cabelo, aplica um bálsamo labial. Esfrega no peito uma amostra de perfume que vinha numa revista, consciente de que é um gesto ridículo. Inclina a câmara para captar os seus melhores contornos e sombras. A mãe trabalha no turno da noite, mas ainda assim ele tranca a porta do quarto. Faz trinta polichinelos e trinta flexões. Escreve uma SMS: *Pronto.*

C8: A mãe leva o bebé para o sofá e levanta a camisola. Não devia estar acordado àquela hora da noite, mas as regras não significam nada para os bebés. Enquanto mama, exige estabelecer laços afetivos, e a mãe tenta. Tenta de novo. Tenta com mais afinco. Mas não consegue. O bebé lança sobre a pele dela acusações adultas, perspicazes e telepáticas. Ela sente-as. Ele suga com força e arranha-a com umas unhas demasiado moles para serem cortadas, mas compridas e afiadas o suficiente para a golpear. Com a mão livre, ela pega no telemóvel. Uma mensagem de texto da mãe da mãe: uma foto de *Daisy*, o dragão barbudo, com um fato de motard em miniatura. Capacete almofadado preso às escamas pontiagudas da cabeça, blusão de cabedal apertado no abdómen. Com uma letra a imitar a dos Hell's Angels, nas costas do blusão pode ler-se: Desastre Dragontino. Com uma expressão ilegível, o réptil fita a câmara a partir do seu poleiro: a mesa de jantar. A mãe aumenta o olho de dinossauro de *Daisy*, que parece observá-la desde outra época, 90 milhões de anos atrás.

*Tens o teu bebé e eu o meu!!* escreveu a mãe da mãe, que agora vive em Pensacola com o segundo marido. *AH AH AH! O Roy*

achou o fato... 🚲💧💀 não ficou **ESPETACULAR**??? 🤔👶👶  
Deus te abençoe e ao meu querido neto 😊💕🙏

Inquieta, a mãe desliza a mensagem para a esquerda e alterna entre três redes sociais, sentindo o peso e o calor do seu bebê sob o braço direito, apreciando os seus barulhinhos de contentamento enquanto mama. Como é habitual, os predadores semeiam a destruição na Internet. Os predadores são as únicas pessoas que existem. Se tivesse de resumir o enredo da vida contemporânea, a mãe diria: são todos a castigar-se uns aos outros por coisas que não fizeram. E ei-la a recusar-se olhar para o bebê, castigando-o por uma coisa que ele não fez.

A mãe desenvolveu uma fobia aos olhos do seu bebê.

Ele tem quatro semanas. Há quatro semanas que ela vive na cave da sua mente. Passou o dia a alimentar a ansiedade com blogues sobre a maternidade. São terríveis, os blogues sobre a maternidade, piores do que os *sites* médicos, mas igualmente desenvolvidos para explorar o nosso tãtato. *A maternidade é a tarefa mais valiosa que alguma vez encetará*, declaram os blogues com uma convicção à prova de bala. Antes de clicar neles, a mãe preparou-se para o que anteriormente acreditava ser o pior diagnóstico possível: *És uma má mãe*. Só que esse não era, na verdade, o pior diagnóstico possível. *És uma psicopata*, concluíram os blogues sobre maternidade. *És uma ameaça para todas nós*.

No sofá, com o bebê nos braços, a mãe começa a entrar em pânico, por isso tenta acalmar-se. *Respira fundo, expira a tensão. Descontrai a testa, as sobrancelhas e a boca. Ouve apenas o zunido da ventoinha de teto*. Devia imaginar-se como uma alforreca ou assim. Visualizar as fronteiras entre o seu corpo e o resto do mundo a dissolverem-se. Foi a prima Kara quem lhe ensinou estes truques, quando partilhavam casa.

Antes de ser a mãe, a mãe era Hope.

— Tem graça que o teu nome seja Hope — comentou Kara, certa vez. — Porque, tipo, não é que sejas uma pessoa esperançosa.

Terminado o liceu, Hope arranjou emprego como empregada de mesa e Kara como cabeleireira. Juntas, arrendaram uma casa

barata junto ao rio. Kara tinha uma queda por roupa de cores garbadas, pastilha elástica de canela e homens angustiados. Mudava a cor do cabelo quase todos os meses, mas a sua preferida era o roxo. Era uma pessoa de uma felicidade desconcertante que costumava cantar Céline Dion em altos brados e dançar enquanto cozinhava. Frequentemente, Hope interrogava-se como seria passar umas férias na cabeça da sua prima. Quando tinham vinte anos, Kara encontrou Hope em posição fetal no chão da casa de banho às três da matina, a chorar baba e ranho porque estava borrada de medo, medo de tudo, um tudo tão enorme que, no fundo, não era nada, e esse nada engolia-a, engolia tudo. No dia seguinte, Kara levou Hope à Vegetable Bed, a única loja de comida saudável de Vacca Vale: um cubículo com luzes bruxuleantes que as seduziu a ambas com os seus aromas a especiarias e as suas variedades de sucedâneos do açúcar. Regressaram a casa com um saco de papel cheio de remédios homeopáticos que Hope não entendia nem tinha como pagar: acónito, *argentum nitricum*, *stramonium*, *arsenicum album*, *ignatia*. Sempre que Hope mergulhava de cabeça numa das suas sombras eletrocutantes, Kara estendia-lhe um punhado de cápsulas, fazia um chá de alfazema, recomendava passeios a pé. Meditação. Ioga. Magnésio. Muitas vezes, punha um episódio do programa de televisão preferido de Hope: *Conhece os Vizinhos*.

— Usa este colar — dizia-lhe Kara. — É ametista, um cristal tranquilizante, ótimo para o medo. Combate a negatividade. Vá, faz este exercício respiratório comigo.

Como Kara costumava informar os homens que conhecia em bares, era INFP («mediadora») segundo a tipologia de personalidades de Myers-Briggs, um eneagrama tipo 2 («prestativa») e do signo virgem («curandeira»). Cuidar dos demais era, acreditava ela, a sua vocação.

Entretanto, no seu apartamento, Hope ainda é capaz ouvir Kara guiá-la ao longo do exercício de respiração; é como se a sua voz lilás pairasse ali na divisão. *Inspira fundo. Expira. Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez. Outra vez.* Enquanto respira, Hope sente o bebé contra a pele, quente e macio.

O medo que sente não é assim tão misterioso, raciocina ela. O marido vai passar o dia todo na obra e o sono não figura no seu historial recente, apenas um caroço na garganta em resultado de uma constipação iminente. Tem os seios tão inchados que mais parece uma celebridade, pela sua cablagem cerebral passam raios elétricos a mil à hora e, sem qualquer ajuda por parte da cafeína, o corpo mantém-se desperto e vigilante como se fosse um animal. As hormonas aumentaram ao máximo o volume do mundo e sintonizaram-lhe o ouvido com a voz do bebé, forçando-a a estar atenta — sempre atenta — à sua voz nova e bolsante. Sente-se uma raposa. Uma raposa a anfetaminas.

Já para não falar dos grandes terrores corporais. Depois do parto, deixou de ser uma rata e voltou a ser uma vagina. Hope está a descobrir que a gravidez, o parto e a recuperação pós-parto compõem três atos de um filme de terror que ninguém nos deixa ver antes de nos tocar vivê-lo. Na escola católica, Hope e as colegas eram obrigadas a ver vídeos de abortos, a ouvir mulheres chorarem depois de os fazerem, a ver o feto retrair-se perante os instrumentos médicos. Mas alguém lhes falou do que acontecia quando expulsavam o feto do corpo e o punham no mundo? Não. Era «bonito». Era «natural». E, acima de tudo, era um «milagre». A maternidade envolta num véu azul sagrado, os detalhes macabros ocultados, uma elaborada conspiração para levar católicos a produzirem mais católicos. As contrações puerperais fustigam o corpo da mãe como se fossem relâmpagos de raios divinos quando ela dá de mamar. Dar de mamar não é uma coisa intuitiva, e as bombas extratoras fazem-na sentir-se uma vaca ciborgue. De cada vez que espirra, mijá-se. Para evitá-lo, devia fazer exercícios de Kegel, uma verdadeira ginástica infernal. A Internet diz-lhe que imagine que está sentada em cima de um berlinde. *A seguir, contraia os músculos pélvicos como se fosse levantar o berlinde.*

— Sinceramente — disse a mãe ao marido, há umas noites, depois de ler as instruções em voz alta —, que merda é esta?

Descreve compulsivamente ao marido o seu estado físico, ao pormenor, como se fosse um boneco, e um ventríloquo a levasse



a fazer aquilo. Se o marido não partilha dos custos, ao menos obriga-o a imaginá-los.

Só que nem precisa de o obrigar. Quando começa a falar dos danos que o parto lhe causou, ele segura-lhe as mãos, o olhar, a dor.

— Oxalá pudesse trocar de lugar contigo — diz ele. — Oxalá pudesse passar por isso tudo por ti. — Depois, beija-lhe o pescoço, com suavidade, e é como um desfibrilhador que a ressuscita. Quer aquilo tudo, afiança ele. Os pormenores escabrosos; quer as quatro da madrugada; quer o início, o meio e o fim; quer consertar o que puder consertar e estar presente até ao final; quer o bom e o mau; quer a doença e a saúde. — Quero-te — diz ele. — Quero tudo em ti. — Chama-lhe deusa. Heroína. Milagre.

Não, pensa a mãe. Não, não está a perder o juízo. E sim, é normal sentirmo-nos anormais depois de um corpo ter saído do nosso corpo. Embora não encontre nada *online* acerca do que a aflige em concreto, não é assim tão bizarro ter um medo mortal dos olhos do nosso bebé, cogita a mãe, com a intempérie que grassa dentro de nós e o tipo de notícias que o Twitter crocita. Tiroteio, assassínio, derrame de crude, terrorismo, incêndio, rapto, bombardeamento, cheias. Vídeo engraçado no qual uma mulher abre a porta do carro e se lhe depara um urso-pardo sentado ao volante a comer o que ela comprou no supermercado. Assassínio, assassínio, guerra. A Internet está enervada. Experimentar a realidade como uma mancheia de água da torneira, numa época como esta, é darmos por nós em boa companhia. A depressão pós-parto... será assim? Néon e cores destoantes?

Que têm os olhos do seu bebé? São demasiado redondos. Permanentemente em choque. O bebé cataloga cada imagem com uma expressão de ultraje e inspeciona o mundo como se estivesse disposto a levá-lo a tribunal. Não pestaneja o suficiente. Ela tenta captar-lhe a atenção, fazendo tilintar as chaves, refratando a luz num velho frasco de doce, agitando os dedos, mas os estímulos visuais perturbam-no e de cada vez que tenta algo assim ele inquieta-se. O bebé prefere contemplar superfícies planas e inofensivas, como as paredes. E são impressionantes, os olhos dele, quase

negros, sempre aquosos, com frequência agitados. Um traço herdado da família do pai, de uma tribo esplêndida, cada primo temperamental, deslumbrante e com tanto jeito para *puzzles*. A mãe ama aquele par de olhos, aquele par a que o seu próprio corpo deu forma como se fossem valiosos minerais de carbono sob pressão. Ama os olhos dele tanto quanto ama as suas unhas minúsculas, o cabelo preto e penugento, o cheiro da sua cabeça, a erupção na sua nuca rechonchuda que parece um código de barras. O amor que sente pelo bebé tem cores que nunca viu, tal como os blogues sobre maternidade diziam. Só que o amor não exclui o terror, e aos vinte e cinco anos a mãe sabe que o último quase sempre acompanha o primeiro. Os olhos dele aterrorizam-na.

A mãe tenta precisar o que aqueles olhos evocam. Uma câmara de segurança. O olhar de uma pantera no escuro. Um tarado na casa de banho. Os olhos do homem que não parava de bater no vidro do condutor daquela carrinha velha, anos atrás, enquanto ela esperava na fila do *drive-through*, a sonhar com batatas fritas e chá doce.

O homem usara uma pá de criança para bater na janela dela. De plástico amarelo. Não pestanejava. Da sua garganta não saía uma única palavra, apenas grunhidos intensos, os seus motivos incertos. Um homem que perdera o juízo: e essa era a expressão correta, continha os orifícios certos. Os olhos do homem no *drive-through* eram escuros, assustados, arregalados. Perdera o juízo.

Ela descera o vidro e oferecera-se para lhe pagar qualquer coisa, mas ele nem a ouvira.

— Olha para mim — dizia ele, repetidamente. — Olha para mim.

Subiu o vidro, lamentando que não fosse automático, para que aquele gesto de menosprezo não fosse tão violento, tinha medo, mas também sentiu um vínculo repentino com ele. A natureza coincidente de todas as colisões sociais sempre perturbou a mãe, mesmo antes de ser mãe. Ter uma nacionalidade, um amante, uma família, um colega de trabalho, um vizinho; a mãe vê-as como conexões fundamentalmente absurdas, uma vez

que são acidentes e, contudo, tiranizam todas as vidas. Depois de ter subido o vidro, aproximou-se do altifalante do *drive-through* e fez o seu pedido. O homem bateu no vidro do carro seguinte com a sua pá de praia e os olhos muito abertos.

O bebé larga, entretanto, a mama, a mãe oferece-lhe leite do peito esquerdo, mas ele recusa-o. Põe-no a arrotar contra o ombro coberto por uma fralda, inundada de amor químico por aquele ser frágil. Ele agita-se. Ela embala-o. Quinze minutos depois, ele já dorme. A mãe aprendeu que a vida com um recém-nascido é assim: é ajudar alguém a perder e a recuperar a consciência, uma e outra vez, e proporcionar-lhe sustento entre uma coisa e outra. Como se os bebés habitassem um planeta diferente, que orbita o seu sol quatro vezes mais depressa do que a Terra. Quem quiser compreender a condição humana, preste muita atenção aos bebés: os riscos que correm são ao mesmo tempo demasiado elevados, uma vez que podem morrer a qualquer instante, e demasiado baixos, porque têm um adulto a satisfazer-lhes todas as necessidades. A linguagem e a ação ainda não apareceram. Como será uma coisa assim? Observe um bebé.

Deita o dela no berço e faz estalar o pescoço.

Quando o marido entra em casa por volta das nove e meia da noite — com o capacete ainda na cabeça, as botas empoeiradas, o cheiro a suor e a protetor solar que lhe parece sempre acolhedor e familiar —, o bebé ainda dorme. Pela primeira vez, a mãe dá-se conta de que não falou com ninguém em todo o dia. Tencionava levar o bebé a dar um passeio, mas esqueceu-se. Não lhe ocorreu ligar o televisor ou o rádio. Catorze horas tensa e sozinha, bateando o dia em busca de perigos.

Estende ao marido um prato de douradinhos com *ketchup*.

— Que banquete. — Ele sorri e beija-lhe o ombro nu. — Obrigado, *baby*.

Não me chames isso, não diz ela. De nada, tenciona dizer, mas não lhe ocorre a maneira de transportar palavras da cabeça para o mundo. Tem a sensação de que se passaram anos desde a última vez que o fez.

— Ei, lamento muito o que aconteceu à Elsie Blitz — diz o marido, enquanto lava as mãos. — Deve ter sido triste para ti.

A mãe pestaneja depressa, como se tentasse limpar qualquer coisa da vista.

— Há?

Elsie Blitz é a protagonista de *Conheça os Vizinhos*. Foi a mãe de Hope quem lhe deu a conhecer aquela série cómica passada em meados do século xx. Talvez porque a série apresenta uma aliança problemática, mas afetuosa, entre uma dona de casa convencional e a sua filha rebelde, assistir aos episódios constituía uma espécie de tradição matriarcal para a família de Hope: quando ela era miúda, a mãe via a série com ela, da mesma maneira que a avó a vira com a mãe. Hope ainda assiste a episódios da série quando não consegue dormir, identificando-se cada vez mais com a mãe do que com a filha; porventura venha a continuar a tradição com o seu filho, um dia. Elsie Blitz desempenha o papel de Susie Evans, a malandrete que ferve em pouca água em torno da qual a série gira. Elsie Blitz era uma criança de uma infantilidade tão perfeita que, para Hope, representava todas as crianças. Tinha uma cara rechonchuda como uma maçã, um sorriso radiante e autoconfiança de sobra. Sabia dançar sapateado, cantar e assobiar como um passarinho. A sua desobediência, por mais estouvada que fosse, era sempre redimida pela diversão que gerava e acabava inevitavelmente por ser perdoada pelas autoridades. Em criança, Hope media as suas falhas pela imagem idealizada de Susie Evans, mas nem a personagem nem a atriz lhe despertavam inveja. Apenas uma ambição fraternal. Na cabeça de Hope, Elsie Blitz jamais passara dos onze anos, a idade de Susie Evans no final da série. Tinha sido tão bom saber que pelo menos uma pessoa no mundo jamais teria de crescer.

O marido senta-se à mesa da cozinha com uma postura carregada de culpa, como se tivesse sem querer revelado um segredo alheio.

— Pensei que já sabias. — Franze a testa. — Desculpa. Não teria levantado o assunto, caso contrário.

— Porquê? Que aconteceu?

— Faleceu hoje — responde o marido. — Já tinha oitenta e tal anos.

A mãe prepara-se para uma sensação que não se materializa. É como se estivesse debaixo de água e a notícia existisse por cima dela, numa doca.

— Ah — diz, por fim. — Pena.

O marido observa-a, preocupado, mas deixa cair o assunto. Enquanto comem — enquanto ele come —, ela considera falar-lhe da fobia aos olhos. Há quatro semanas que todas as noites pensa falar-lhe do assunto. *Olha*, poderia ela dizer, assim que se lembrasse de como se falava com normalidade. *Há uma coisa estranha. Uma coisa estranha que me tem acontecido, cómica, na verdade, não é nada bizarro, só estranho.*

— Como está o nosso grandalhão? — pergunta o marido, com a boca cheia.

Ela recupera a mecânica da fala, aos solavancos, ao início.

— Está... — Não está grande. *É minúsculo*, quer ela gritar. É preciso resgatá-lo da sua própria pequenez, como toda a gente! Bebe um copo de água de um só trago. — Bebés. O que eu gosto nos bebés. — O olhar dela perde-se.

— Há?

— Os bebés sabem que, lá porque têm uma vida boa, isso não significa que a vida seja *fácil*.

O marido mastiga um douradinho.

— Então, está vivo?

Ela responde que sim com a cabeça.

— Bestial. — Sorri. Alisa-lhe a sobrancelha com um dedo áspero. — Amo-te — diz. — Estás cansada, não é?

— Há uma... — A mãe fixa o olhar no detetor de fumo. — Uma coisa curiosa que tem acontecido.

— Ah, sim? E o que é?

Ela hesita. O marido acredita que ela é uma boa mãe, uma pessoa normal, um bom investimento.

— Tenho medo...

O marido pousa o garfo, leva-a a sério.

— Como assim?

— Nada. — Começa a chorar o mais baixinho que consegue.

— Estou... tão... cansada.

O marido limpa a boca e observa-a com os seus olhos escuros e penetrantes.

— Querida — diz ele. Põe-se de pé e massaja-lhe as costas, os músculos, a pele, e ela interroga-se quem é que desenha fantasias para dragões barbudos, que espécie estudará os seus vestígios dali a 90 milhões de anos e que mal-entendidos daí resultarão. O que sentiria se houvesse uma explosão nuclear? A morte seria instantânea? Implicará botões físicos? Irá alguma vez a sua vagina destroçada retomar a sua vida como rata? Onde aterrou o rato morto depois de o ter lançado da janela? Onde está o homem que viu no *drive-through*, e que estará ele a fazer naquele momento? Será aquela a tarefa mais importante da sua vida? É mesmo uma psicopata? É mesmo uma ameaça para elas todas?

— Oh, querida — diz ele. — Claro que sim.

— Há?

— Claro que estás cansada.

C6: Ida e Reggie, ambos septuagenários, estão sentados na sala a fumar e a ver as notícias com o volume do televisor em altos berros. Incêndio grave numa fábrica em Detroit, no Michigan. Rainha da beleza monta um negócio de capas de telemóvel sem fins lucrativos, lucros servirão para custear cuidados dentários a refugiados. Superpraga destrói monoculturas de pimenta no Vietname.

Ida lembra-se do que quisera dizer a Reggie ao início da tarde.

— Reggie. — Tosse. — Reggie.

— Que foi?

— Estás-me a ouvir, Reggie?

— Há?

— Baixa lá isso.

— Há?

— *Baixa* isso. Tenho de te dizer uma coisa.  
Pressiona o comando com o polegar nodoso.

— O quê?

— O Frank está outra vez na prisão — anuncia Ida.

— O Frank da Tina?

— Que outro Frank é que nós conhecemos?

— Que fez ele agora?

— Que achas que foi?

— Outro assalto?

Ida acena que sim com a cabeça.

— Desta vez, ia armado.

— Achei que a operação ao joelho o manteria longe de sarilhos.

— Um joelho empanado não trava um gajo como o Frank.

— Bem, suponho que sabe bem saber que, afinal, tínhamos razão. — Reggie dá uma baforada longa no seu cigarro. — Fizemos o que pudemos.

— Ele tinha aquele carro vistoso — resmoneia Ida. — E mais aquelas botas ridículas.

— Só espero que a Tina saiba que escusa de se vir lamentar para nós, e de trazer os filhos para nos fazerem «favores», à espera que lhes paguemos por isso.

— Devíamos ter experimentado uma coisa diferente — diz Ida. — Uma daquelas escolas em que andam todos descalços. Lições de piano. Vitaminas. Comida sem glúten. Nenhum dos miúdos saiu bem.

— Ida, o que lá vai, lá vai. A Tina é adulta. O melhor que podemos fazer por ela é deixá-la tomar conta de si mesma.

Ida segura um cigarro entre os dentes.

— E estás enganada — torna Reggie. — Os miúdos saíram bem.

Aumenta de novo o volume do televisor. Pais australianos suplicam ao governo que resgate as suas filhas e netos dos acampamentos onde se encontram, na Síria. As filhas casaram-se com membros do ISIS e agora enfrentam uma violência indescritível.

Conseguirão os cientistas fazer crescer um rim humano num porco? Ainda não, mas mantenha-se desse lado. Lençol freático contaminado no Dakota do Norte. Bebê de celebridade nasce com hipertricose, coloquialmente conhecida como *síndrome de lobisomem*. Uma rapariga de treze anos torna-se viral ao barbear barras de sabão. «É só uma questão de procura e oferta», diz ela ao jornalista, e encolhe os ombros. Tornou-se milionária com o canal que criou. «Dou ouvidos ao que as pessoas querem.»

Quando a apresentadora lhe pede que explique aos mais velhos o que é a ASMR, ela respira fundo como se estivesse a preparar-se para a descolagem.

— *Okay*, então, quer dizer *resposta sensorial meridiana autónoma*. É aquele formigueiro que algumas pessoas sentem em redor do crânio, está a ver? E tipo pela coluna abaixo? Uma pessoa sente-se... é como se estivesse a tremeluzir. É a melhor sensação que eu conheço. Pode ser provocada por todo o tipo de coisas. O restolhar de folhas ou assim, alguém a tirar-nos uma fotografia. Um presente muito especial, feito de propósito para nós. Um corte de cabelo. Bob Ross. Seja como for, a mim acontece-me sempre que alguém está concentrado em alguma coisa. Quando era miúda, pensava que toda a gente sentia isto e ninguém falava disso, ou que só eu é que sentia aquilo. Fosse como fosse, mantive a boca calada. Mas depois, aos onze anos talvez, apareceu uma coisa nas notícias sobre o assunto e, de repente, encontrámo-nos uns aos outros. Foi como uma revolução. Uma revelação, quero dizer. Comecei a ver uns vídeos e dei-me conta de que havia um nicho de mercado. Mas isto de barbear sabões... Não é a minha praia. A mim não me provoca nada. Só o faço pelos outros.

O apresentador dá uma risada desconfortável.

— Então, é assim como...? É como...?

— O quê?

— É assim uma...?

A rapariga olha para ele com impaciência.

— O quê? Tipo uma coisa obscena?

— Bem...



## Radiografia cáustica da vida contemporânea, uma história que põe a nu o esqueleto da natureza humana e a fragilidade dos laços sociais. Um prodigioso romance de estreia, distinguido com o National Book Award.

«Faca, algodão, casco, lixívia, dor, pelo, beatitude: enquanto sai de si mesma, Blandine é tudo isto. É cada morador do seu prédio de apartamentos. É lixo e querubim, um chinelo no leito do oceano, o fato-macaco cor de laranja do pai, uma escova a passar pelo cabelo da mãe. [...] Um núcleo dentro do homem que lhe roubou o corpo quando ela tinha catorze anos, um par de óculos vermelhos na cara da sua bibliotecária preferida, um rabanete arrancado de um canteiro. Não é ninguém.»

Eis Blandine, a magnética protagonista de uma história povoada de estranhas figuras: um redator de epítáfios *online*, uma jovem mãe com um segredo, uma mulher que trava sozinha a sua guerra contra roedores, um filho ingrato, três rapazes enfeitiçados pela mesma rapariga. A todos sucede alguma catástrofe, para quase todos está reservada uma promessa de libertação. São vizinhos, e vivem num complexo habitacional de baixo custo em Vacca Vale, cidade em decadência. É a partir deste lugar inóspito que Tess Gunty conduz o leitor numa invulgar viagem pelo desconcerto do espírito humano, pelas grandes doenças sociais e pelo alcance incomensurável da imaginação. Uma estreia literária arrebatadora, que inscreve Tess Gunty na linhagem do Grande Romance Americano.






«Uma obra de arte profundamente sábia, livremente inventiva,  
intimamente comovente, cujas infinitas dádivas permanecerão  
connosco muito depois de a lermos. Cada página deste romance  
contém um romance, contém um mundo.»

JONATHAN SAFRAN FOER



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

 [alfaguaraeditora](https://www.facebook.com/alfaguaraeditora)  
  [penguinlivros](https://www.penguinlivros.com)

ISBN 9789897872327

